

CURRICULUM VITAE

Hélder Bruno de Jesus Redes Martins

Director Pedagógico

1. Habilitações Académicas

- Doutorando em Etnomusicologia na Universidade de Aveiro, sob orientação científica da Senhora Professora Doutora Susana Sardo;
- Mestre em Ciências Musicais pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a 6 de Abril de 2005;
- Licenciado em Educação Musical pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra, em Setembro de 1999;
- Curso de Formação Musical do Conservatório de Música de Coimbra, concluído em 1995.

2. Experiência Profissional

- Docente (Eq. a Assistente do 1.º Triénio) da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico da Guarda;
- Investigador científico do Instituto de Etnomusicologia (INET);
- Investigador científico da Unidade de Investigação para o Desenvolvimento do Interior do Instituto Politécnico da Guarda (UDI/IPG);
- Director Pedagógico da Escola JAZZ Ao NORTE, Porto (desde Janeiro de 2007);
- Revisor Científico da Porto Editora (2003 – 2006);
- Director Geral da Feira da Indústria Musical Portuguesa (FIMP), Lousã, 25 a 28 de Maio de 2006;
- Membro da comissão científica da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), universidade pública de Moçambique, para a criação do curso de licenciatura em ciências musicais (coordenador e responsável pela criação da proposta de organização curricular do curso) de Setembro de 2003 a Julho de 2005 (o curso está em funcionamento desde Janeiro de 2006);
- Gestor Cultural da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP – Instituto Público), entre Agosto de 2003 a Agosto de 2005;

- Promotor de Eventos Culturais da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP – Instituto Público) instituição onde organizou variadíssimas actividades pedagógicas, científicas e culturais, das quais se destacam conferências sobre: música e cultura, história da música ocidental, cursos de construção de instrumentos musicais moçambicanos, acção de formação «Introdução à Etnomusicologia – orientada pela Senhora Professora Doutora Salwa Castelo-Branco (Professora Catedrática da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, presidente do Instituto de Etnomusicologia e vice-reitora da mesma universidade), *masterclasses* de violino com os Professores Filipa Pejo e Rui Silva (directores da escola e orquestra «Violinhos»); recitais de música erudita com o quarteto da violoncelista Irene Lima, entre outros eventos;
- Fundador da Casa da Música da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP, Instituto Público), em implantação desde Outubro de 2003;
- Fundador do Centro de Estudos Etnomusicológicos da EPM-CELP, em implantação desde Outubro de 2003;
- Fundador do Museu Etnomusicológico da EPM-CELP, desde Outubro de 2003;
- Fundador da Oficina de Música da EPM-CELP em funcionamento desde Outubro de 2003;¹
- Assistente convidado no Curso de Licenciatura em Educação Musical da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra, no ano lectivo de 2001/2002;
- Pianista acompanhador na Escola Superior de Dança do Instituto Politécnico de Lisboa, no ano lectivo de 2000/2001;
- Docente no curso de verão da Universidade de Oradea, Roménia, em 2001;
- Docente no curso de verão da Universidade de Debrecen, Hungria, em 2000;
- Director pedagógico da Academia de Música da Lousã nos anos lectivos de 2001/2002, 2002/2003 e 2005/2006, 2006/2007;
- Fundador da Academia de Música da Lousã em 2000.

¹ Devido ao desempenho das suas funções na EPM-CELP, IP foi-lhe atribuído um diploma de reconhecimento pela directora da instituição, Dra. Albina Santos Silva.

3. Trabalhos de Investigação

- «A Consolidação do Jazz em Portugal» (em progressão)
- «O impacto do Jazz no mundo rural em Portugal» (em processo de pesquisa e investigação);
- «O Orfeão de Ovar» (em processo de pesquisa e investigação);
- «O Jazz em Portugal: da sua emergência à sua afirmação» (tese de mestrado em Ciências Musicais, sob orientação do Senhor Prof. Doutor José Maria Pedrosa Cardoso, apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra a 6 de Abril de 2005);
- «Descobrimientos, Interculturalismo e Música: a emergência de novas correntes estético-musicais em Portugal», apresentado no *I Simpósio de Língua e Cultura Portuguesa – Diálogo entre culturas*, realizado na EPM-CELP, Maputo, de 7 a 11 de Junho de 2004.
- «A Música no Ritual Cristão das Exéquias Fúnebres – análise da obra de 1782 *Ritual das Exéquias Fúnebres*» entre 2001 e 2002 (orientação do Senhor Prof. Doutor José Maria Pedrosa Cardoso);
- «Recensão Crítica da obra em curso *Enciclopédia de Música Portuguesa do Séc. XX* do Instituto de Etnomusicologia da Universidade Nova de Lisboa» em 2001 (orientação da Senhora Prof.^a Doutora Maria São José de Côrte-Real);
- «A Educação Musical e a Problemática das Crianças Sobredotadas», em 1999 (orientação do Senhor Prof. Doutor Ilídio Falcão);
- «A Educação Musical nos Países da União Europeia», entre 1998/1999 (orientação do Senhor Dr. César Nogueira).

4. Conferências Apresentadas

- «A Interpretação do “Símbolo” na obra de Luís S. Monteiro *Felizmente há Luar*», apresentada na EPM-CELP em Maio de 2005;
- «Descobrimientos, Interculturalismo e Música – a emergência do Fado em Portugal» – apresentada no I Simpósio “Língua Portuguesa – Diálogo entre Culturas”, realizado na EPM-CELP entre 7 e 11 de Junho de 2004;
- «A Utopia – de Thomas Morus à actualidade», apresentada na EPM-CELP em Março de 2004;
- «Jazz, a revolução socio-musical do Século XX» apresentada no *II Encontro de Cultura da Escola Superior de Educação de Coimbra*, em Maio de 2001;
- «Composição e Improvisação», apresentada no *Centro Universitário Padre António Vieira (CUPAV)*, Lisboa, em Novembro de 1998;

- «Análise de Composição das peças apresentadas no espaço ACARTE da Fundação Calouste Gulbenkian» apresentada em 1996, na *4th Conference of the European League of Institutes of Arts*, realizada em Novembro de 1996;
- «Música e Instrumentos Tradicionais Portugueses», apresentada no encontro *ART&CULTURE* realizado na Eslováquia em Julho de 1996.

5. Trabalhos Publicados

- «Jazz em Portugal (1920 – 1956): anúncio – emergência – afirmação» (Almedina Editores, 2006);
- «O interculturalismo e a emergência de novas correntes estético-musicais em Portugal», in *Actas do I Simposium de Língua Portuguesa – Diálogo entre Culturas*, (*Revista Aprender Juntos*, Ano III, números 4-5, Janeiro de 2005 publicação Científica da EPM-CELP), Edição da EPM-CELP.

6. Trabalhos no Prelo

- «Lendas do Jazz», MP Promoções Lda.;
- «Jazz e comportamentos sociais em Portugal durante o Estado Novo. Processos de resistência»
- «Mozart e a Divina Descoberta»;
- «Ode ao Cântico dos Cânticos» - poesia;

7. Experiência Profissional Artística

- Compôs a banda sonora para o DVD de promoção do Exploratório de Ciência de Coimbra;
- Tocou com Pedro Jóia e Né Ladeiras em 2002/2003;
- Dirigiu a obra para orquestra de câmara, vozes e órgão de G. B. Pergolesi (1710 – 1736) «Stabat Mater» em Maio de 2001 e Maio de 2002;
- Compôs a opereta «Lenda do Cervo e da Água» apresentada em 2001 no Cine-Teatro da Lousã, integrada nas *Comemorações dos 850 Anos de Municipalismo*;
- Em 1999 foi assistente de direcção de orquestra do maestro Augusto Mesquita, na Orquestra Filarmonia das Beiras no espectáculo de Nuno Guerreiro;
- Tocou com Jorge Palma em 1998;
- Tocou com Né Ladeiras na digressão de 1998;

- Compôs um conjunto de peças para a *4th Conference of the European League of Institutes of Arts*, realizada em Novembro de 1996 na Fundação Calouste Gulbenkian;
- Foi director musical, pianista e compositor de vários projectos, destacando-se:
 - a formação de *Jazz COOL TRAIN TRIO*;
 - *BALADAS BAILADAS*;
 - entre outras formações, com as quais se apresentou em diversos espectáculos no país e no estrangeiro (Espanha, Alemanha, Eslováquia, Hungria, Roménia, Áustria).

8. Anexos

8.1) Imprensa – Livro «Jazz em Portugal (1920 – 1956)»

30 DEZEMBRO 2006

E fez-se jazz em Portugal

Livro conta **como tudo começou por cá**

Luís Miranda
luis.miranda@sol.pt



DR

PELA primeira vez é publicada uma obra que retrata e explica 36 anos de jazz em Portugal. Se não foram os mais prolíficos, criativos e relevantes, valem sobretudo por terem sido os primeiros. **Jazz em Portugal (1920-1956)**, editado pela Alameda, relata o amanhecer deste género musical focando-se mais no meio em que surge (económico, social e político) do que na afinação dos instrumentos. Hélder Bruno Martins, musicólogo e investigador científico com «**uma modesta incursão**» pelos palcos, transformou a sua tese de mestrado, propósito original do livro, numa obra ao alcance do grande público – «**para despertar a curiosidade de todos**».

Horas passadas na hemeroteca, a pesquisar jornais, revistas, arquivos e o espólio de Luiz Villas-Boas, fundador do Hot Clube de Portugal, serviram de base para traçar um retrato que começa em 1920. O ano em que começaram a surgir na imprensa portuguesa as primeiras notícias relacionadas com o assunto. Artigos «**de profunda ironia e ingenuidade**», como descreve o autor, suscitando «**um sentimento misto de perplexidade e hu-**

mor» – havia, por exemplo, textos em que se afirmava que o jazz tinha sido criado no Minho por um músico dos sete instrumentos. Na década de 20, o entusiasmo era tanto que «**tudo o que fosse música com bateria era considerado jazz**», explica Bruno Martins.

O livro conta a história de resistência de um género musical pouco querido ao Estado Novo. Fugindo ao quadro de valores da política cultural postulada por António Ferro, o jazz sobreviveu graças a amadores que, «**à custa de algumas humilhações conseguiram fundar o Hot Clube de Portugal**». A música que saía daquela casa, no número 39 da Praça da Alegria, em Lisboa, dividia a população sendo muitas vezes considerada menor, selvagem e primária. Algumas rádios adoptaram-na, sempre com pouco critério: «**Tanto se podia ouvir uma música da moda nos EUA como o 'Fado Maria Alice'**». Depois da publicação deste livro, Hélder Martins continuará a sua investigação. Desta vez o objecto de estudo é o jazz nas aldeias, tema da sua tese de doutoramento.



in *Semanário SOL*, 30/12/2006.

NOTÍCIAS

stituído ainda por Bobby Hutcherson (vibrafone), Miguel Zenon (saxofone alto), Andre Hayward (trombone), Renne Rosnes (piano), Matt Penman (contrabaixo) e Eric Harland (bateria), a formação interpreta igualmente peças dos seus próprios membros.

Dada a aposta em divulgar os fundamentos históricos da modernidade do jazz, a inclusão de Douglas nesta formação tem em conta, precisamente, o seu eclecticismo e o facto de fundamentar o seu trabalho inovador na tradição do jazz.

Concertos em Seul, Tóquio, Hong Kong e Jacarta estão programados já para Fevereiro. Em Março inicia-se uma digressão americana pela Costa Oeste, parte do Sul, incluindo Texas, e Midwest.

Livro sobre jazz em Portugal

Primeiro estudo do género a fazer-se no nosso país, "Jazz em Portugal (1920-1956)" (Almedina), de Hélder Bruno Martins, vem explicar como se processou a descoberta do jazz em pleno período salazarista e as dificuldades por que passaram os seus divulgadores, a começar pelo falecido Luís Villas-Boas. Os marcos escolhidos para balizar o período de análise deste livro que foi antes uma tese de mestrado em Ciências Musicais são o ano de 1920, quando começam a surgir na imprensa as primeiras notícias sobre esse género musical vindo dos Estados Unidos e praticado por negros, textos marcados pelo desconhecimento, a ingenuidade e o preconceito racial, e o de 1956, altura em que por cá passou a orquestra de Count Basie. Uma boa parte do conteúdo do ensaio, amplamente documentado, refere-se à fundação do Hot Clube de Portugal.

«A paixão pelo jazz foi a principal motivação para a realização deste trabalho, mas a inexistência de um estudo musicológico sobre o fenómeno em Portugal teve também a sua influência na escolha do tema», diz-nos o seu autor. «Cresci com música, os meus pais cedo me proporcionaram os estímulos da "divina arte". Pelo meio, surgiram os discos de jazz... Por volta dos meus 15 anos, ainda estudante no Conservatório de Música de Coimbra, fiz um "workshop" com Carlos Martins e Carlos Barretto, no Conservatório Calouste Gulbenkian de Aveiro, e a partir daí a minha visão da música nunca mais foi a mesma. Continuei os meus estudos clássicos, mas nunca me desliguei desta praxis musical: tive um trio de temas originais (o Cool Train Trio, com Jorge Queijo na bateria, Miguel Falcão no contrabaixo e eu no piano) com o qual toquei imenso.»

Ao longo das páginas de "Jazz em Portugal", Martins defende a ideia de que o jazz tem de ser compreendido para se gostar, o que terá explicado, em parte, a lentidão com que se implantou entre nós. «A compreensão de uma linguagem é, acima de tudo, intelectual. No entanto, através de processos endoculturativos e de reprodução cultural, essa compreensão ultrapassa o racional. Não será o facto de não se compreender que leva as pessoas a não gostar? As frases feitas, tipo "cada um a tocar para o seu lado", sobre esta música não revelam uma profunda ignorância? Eu penso que sim. Por isso defendo uma acção pedagógica forte nos festivais e nos concertos de jazz, tal como se faz com a música erudita. Claro que aqui deparamo-nos com outro problema: os musicólogos em Portugal não têm dado atenção ao jazz e quem escreve sobre



jazz no nosso país (tirando um ou outro caso), muitas vezes não exprime mais do que uma análise sensorial, emotiva, quase lírica... e isto não é bom para o jazz», refere com convicção.

Recorda-se também neste livro que o jazz não tinha cabimento no quadro de valores do Estado Novo, pelo que para mudar as coisas foi necessário fazer uma revolução "invisível", resultando de uma aglutinação de esforços. O papel de Villas Boas foi, nesse sentido, fundamental, na rádio, à frente do Hot Clube e a organizar concertos e depois o Cascais Jazz. «Tenho pena de não ter chegado a conhecer Luís Villas-Boas. Foi um homem de causas, com um espírito de missão muito claro em prol do jazz, muito inteligente e pedagógico. Soube sempre contornar o sistema! Teimoso, senhor das suas ideias, dificilmente o demoviam das suas vontades. Nas agendas e nos blocos de notas que se podem encontrar no seu espólio, vê-se que era um homem metódico e extremamente organizado», comenta. O responsável do Festival de Cascais não é o único a ser lembrado nesta importante investigação sobre as primeiras décadas do jazz em Portugal. Hélder Martins falou com alguns dos companheiros de Villas-Boas no Hot Clube e com outro grande divulgador do jazz ainda hoje em actividade, José Duarte, um dos sócios fundadores do Clube Universitário de Jazz, surgido em cisão com o Hot Clube. Sobre este chega mesmo a afirmar que é umas das figuras mais importantes da presente cultura portuguesa. E justifica-o deste modo: «Sem dúvida! A seguir a Luís Villas-Boas, José Duarte foi o mais acérrimo promotor de jazz em Portugal. Penso que marcou várias gerações, quer através da rádio como da televisão e até dos seus escritos. Tem um estilo bastante peculiar de apresentar, falar e escrever... muito "jazzy"!»

Martins está agora a preparar o seu doutoramento em Musicologia, e mais uma vez vai debruçar-se sobre o fenómeno do jazz no extremo ocidental da Europa em que vivemos. Não tarda muito e teremos a continuação deste livro essencial para qualquer amante português do jazz.

"Sonny" Cohn até sempre

Morreu a 7 de Novembro o trompetista George "Sonny" Cohn, o primeiro trompetista da Count Basie Orchestra no período compreendido entre 1960 e 1984, além de parceiro de cantores e músicos como Ella Fitzgerald, Big Joe Turner, Art Blakey, Frank Sinatra, Sarah Vaughn e Dinah Washington num total de 185 discos, a maior parte deles datando da década de 1940. Contava com 81 anos de idade. O seu último registo discográfico foi num disco de gospel da sua sobrinha, já depois de ter sofrido uma intervenção cirúrgica ao coração.

jazz.pt 05

in Jazz.pt, n.º 10, Janeiro e Fevereiro de 2007, p. 5.



que a banda tocava, patente no hino que dá o título a este livro. Sem a qualidade das letras de uns Peste & Sida ou de uns Xutos & Pontapés, seus companheiros de estrada, a banda de Alvalade compensava com o vigor e pujança das guitarras e bateria, a energia do ex-Ku de Judas João Ribas e o gosto por estarem no palco. Um gosto que contagiava a assistência num *mosh* que só parava no fim do alinhamento. Incluindo letras e fotos, esta obra é uma boa re-visitação desses dias de uma banda «mítica». Os seus membros ainda andam por aí, mas esses tempos não voltam mais. Como percebemos ao ler o trabalho de Augusto e Renato, fica a alegria de poder dizer que, pelo menos, fizemos a parte que nos competia enquanto duraram. ▽

JAZZ EM PORTUGAL (1920-1956)
HÉLDER REDES MARTINS
Ed. Almedina
290 págs, €18,00
☆☆☆

Adaptação de uma tese de mestrado em Ciências Musicais, este livro ressent-se disso mesmo. Por um lado consegue algo raro: incluir uma História, documentação e testemunhos dos primeiros tempos de um estilo de música

que, de tão fora do sistema, escapou às malhas da censura do Estado Novo. Por outro, mesmo nesta versão menos académica, ressent-se da linguagem utilizada das origens universitárias. É notório que Hélder Redes Martins ouviu e pesquisou o que devia. Mas chamar aos capítulos coisas como *A ida-de do Jazz - Os «loucos» anos 20 e a influência dos EUA na implantação de um novo paradigma socio-cultural no Ocidente* carecia de uma edição que eliminasse a defunta palavra «paradigma» e a tornasse mais adequada aos objectivos de ampla divulgação da obra. Seja como for, este livro, é dos poucos acessíveis ao público português para entendermos o que desaparecerá se as famosas obras do Parque Mayer destruírem esse espaço de resistência que foi (e é) o Hot Clube. ▽

JANEIRO 2007

in *BLITZ*, Janeiro de 2007, p. 102

O livro foi também referido e apresentado em entrevistas cedidas pelo autor noutros jornais, revistas e programas de rádio e televisão, nomeadamente:

- «As Escolhas de Marcelo», RTP1;
- Público;
- Expresso;
- Diário de Notícias;
- Programa «Câmara Clara», RTP2;
- Programa de Rádio «5 Minutos de Jazz».